

A CF 2005 é ecumênica! As Igrejas que no Brasil compõem o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC, imbuídas do espírito ecumênico que conduz à reconciliação e à unidade na fé, realizam também um gesto concreto de cooperação na promoção da solidariedade e da paz na sociedade. A causa ecumênica vincula-se à causa social, mostrando que unidade na fé e promoção humana são duas dimensões da ecumene buscada. Com isso, as Igrejas confirmam duas grandes opções: o compromisso evangélico com a construção de uma sociedade onde se possa viver em paz, pautada em relações de justiça e dignidade para todos; e o compromisso com a busca da unidade da fé cristã. As duas opções vinculam-se no testemunho do único Evangelho que proclamam. Esse fato mostra a dimensão social do ecumenismo ao mesmo tempo que explicita a ecumenicidade da ação social das Igrejas.

O tema da CF 2005-Ecumênica, “Solidariedade e Paz”, e o lema “Felizes os que promovem a paz (Mt 5,9)”, mostram que a paz é tanto uma questão de fé no Evangelho quanto critério e condição de realização da vida humana. O Evangelho e a vida são um único movimento pela solidariedade e pela paz, entre as pessoas, entre os povos, entre as diferentes tradições eclesiais, entre as religiões. E esse movimento é ecumênico. Solidariedade e paz não é algo que se alcança sozinho, mas uma experiência comunitária, coletiva, ecumênica. Tal é o objetivo da CF 2005-Ecumênica: “Unir Igrejas cristãs e pessoas de boa vontade na superação da violência, promovendo a solidariedade e a construção de uma cultura de paz”. Verifica-se, assim, sintonia e continuidade com a CF do ano 2000, que com o tema Dignidade humana e paz e o lema Novo milênio sem exclusões, também foi ecumênica.

O compromisso com a solidariedade e a paz é um compromisso com a defesa da vida, ameaçada por vários fatores: os sistemas totalitários, os conflitos étnicos, o desemprego, a fome, o preconceito cultural, étnico, de gênero e religioso, a criminalidade organizada, a exploração sexual e econômica, o armamento da população.... Por isso, “escolher a solidariedade como meio de promover a paz é escolher a vida” (texto base, n. 13). Para tanto, é preciso “colocar no centro da vida e do testemunho das Igrejas a preocupação e o esforço de superar a violência e promover a solidariedade e a paz” (texto base, n. 14). Esse é um compromisso social e religioso ao mesmo tempo, pois não há separação total entre religião e cultura, religião e política, religião e economia. O jeito religioso de conceber a vida influencia no jeito político de se relacionar, no jeito econômico de trabalhar, no jeito cultural de se expressar. E para isso não é preciso viver em nenhuma sociedade teocrática.



Basta compreender a religião como o elemento que dá o sentido último da existência. Basta fazer o exercício de encarnar a fé. Basta rezar a vida.

No coração das Igrejas e das religiões está uma promessa de paz, de harmonia, de realização plena para cada pessoa e para a humanidade. O termo hebraico shalom indica não apenas a superação dos conflitos mas também a integridade, a plenitude de vida, não só paz mas também justiça. Essa indica como deveriam ser as coisas e como serão de fato segundo o plano de Deus. Trata-se de uma paz duradoura, como shalom, salam, eiréne, pax. Uma realidade indicada por todas as Igrejas e religiões. Para os judeus, Jerusalém será a “cidade da paz”; para os cristãos, a Igreja tem uma função pacificadora e é ao mesmo tempo o lugar da experiência comunitária da paz; os muçulmanos propõem Meca como o lugar do encontro de todos os povos; no hinduísmo e no budismo, a paz é alcançada pela “conexão” (integração/harmonia) de todas as realidades existentes. Assim, Igreja, religião e paz são realidades intrinsecamente vinculadas. É da natureza de toda crença religiosa apresentar caminhos para a paz, ou melhor, ser caminho de paz.

A paz afirmada pelas Igrejas e religiões está além delas mesmas. O fiel não alcança a paz porque professa um determinado credo, mas porque crê na realidade transcendente, divina, sagrada, da qual as Igrejas e as religiões são mediações. Na relação com essa realidade é que se alcança a paz. Na concepção judaica, os povos “não aprenderão mais a arte da guerra” porque “sairá... de Jerusalém a palavra do Senhor” que trará paz (Is 2, Mq 4). Para os cristãos, o que os apóstolos chamam de boa nova é o shalom que se realiza na obra de Jesus Cristo. “Paz na terra” é a promessa dos anjos (Lc 2,14). João Batista e o próprio Jesus anunciam a vinda iminente do Reino de Deus. À luz disso é que são “filhos de Deus” os construtores da paz. Ef 2, 14 afirma que Cristo é a “nossa paz” pelo fato de, através da reconciliação entre hebreus e pagãos, criar “uma nova humanidade”.

Mas nos mesmos livros sagrados que indicam o “caminho para a paz” abundam também passagens que exprimem violência. Nelas, a religião apresenta sua face combativa. Os oráculos contra outros povos (Jr 49, 23-27; Am 1,3-5; Sura, 2,191; 9, 30), não permitem uma interpretação fácil que amenize a teologia guerreira que os sustenta. Quando os textos sagrados dizem “Em marcha: levantemo-nos em guerra contra Edom (Ab 1,1) e que “é preciso submeter os infiéis sobre a terra” (Sura 8, 67), o sentido religioso que podem conter fica obscurecido no contexto social e político que os motiva de um modo direto e imediato.

É difícil uma hermenêutica desses textos que anule o potencial violento dos diferentes credos. Mas dificuldade não equivale a impossibilidade. O significado último dos textos sagrados é sempre mais religioso do que social, mesmo quando a ideologia de um grupo e as circunstâncias prevalecem na sua forma redacional. A hermenêutica escriturística precisa explicitar a



teologia desse “significado último” que reconcilia e une as pessoas e os povos, estabelecendo situações de paz. Recupera-se, assim, a finalidade intrínseca de todo credo religioso, no sentido de religar o ser humano ao seu núcleo misterioso essencial e desde aí ao seu semelhante e às criaturas do planeta. Religio expressa um vínculo entre interioridade e exterioridade, entre o histórico e o utópico, entre a parte e o todo. As Igrejas e as religiões não são uma incitação estrutural à violência. A preocupação em vencer não deve prevalecer em relação ao convencer, e o convencer não pode ser condição para conviver pacificamente.

A principal contribuição das Igrejas integradas na CF 2005-Ecumênica para a paz na humanidade é ensinar a ser-com-o-outro, conviver, social e espiritualmente. A igualdade jurídica e política tem como pressuposto a igualdade espiritual, o sentimento de fraternidade universal que explicita o espírito religioso de pessoas e grupos. A partir de então, as Igrejas são promotoras do diálogo e da paz como condição de fidelidade a elas mesmas.

A convivência é a proposta religiosa por excelência para o processo da paz na humanidade. Isso implica a capacidade de acolhida do outro, na sua diferença, com a gratuidade e o compromisso que a convivência, como dom e como busca, exige; a capacidade do diálogo, o saber ouvir, silenciar e falar; a capacidade do perdão; uma espiritualidade alicerçada na reconciliação e na solidariedade; em ações públicas que tenham incidência na legislação que garante a convivência social... Assim, as instituições religiosas tornam-se humanizadas e humanizantes, espaços afetivos de acolhida, compreensão e ternura. Para tanto, há que haver uma harmonização entre mística e política. Estas dizem respeito às situações vividas que atingem a pessoa em seu núcleo e afirmam o significado existencial do vivido. É a experiência de paz, vivida política e espiritualmente, paz como dom e conquista, um ideal nobre e frágil, real e utópico, que as Igrejas e religiões apresentam com sentido para a sociedade. Nesse contexto é que se encontra a razão da CF 2005-Ecumênica.

A revista Encontros Teológicos quer dar a sua contribuição para a reflexão e a realização da CF 2005-Ecumênica. Apresentamos nesta edição o trabalho de pessoas que promovem a solidariedade e a paz. Rudolf VON SINNER trabalha o lema “Felizes os que promovem a paz” (Mt 5,9) mostrando a contribuição do ecumenismo para uma cultura de paz; Gabriele CIPRIANI trabalha o tema “Solidariedade e paz”, mostrando o contexto da CF 2005-Ecumênica, sua preparação, objetivos, ações concretas e sua dimensão ecumênica; Gilberto KASPER mostra a relação entre “Ética, violência e paz”; Luigi FARACI reflete sobre “O Islã e a paz”; Joãozinho THOMÁS mostra “A paz no meio da confusão”; Clory Trindade de OLIVEIRA reflete sobre “Religiões: caminho para a paz”; José DURÁN apresenta “A diaconia como construção da paz” e Luiz José DIETRICH mostra que “A solidariedade nos faz ser um corpo luminoso”. Trazemos ainda nesta edição dois artigos sobre a história de Santa Catarina, além de crônicas e resenhas.



Esses trabalhos situam-se no espírito da CF 2005-Ecumênica afirmando a utopia da paz como uma utopia ecumênica. Essa utopia exige uma postura de inconformidade e de indignação diante de toda situação de violência. A CF nos exorta à superação da lógica da exclusão, da intolerância, do egoísmo, da mentira... para viver na lógica do amor, do perdão, da justiça, da solidariedade. Tudo em busca da verdade que une e faz viver. A paz não se constrói falseando a verdade para justificar o sacrifício do outro. Por isso é preciso recusar a unilateralidade da verdade. Só a verdade integral pode unir os povos e estabelecer a paz. Na verdade que constrói a paz, todos podem conviver.

E.W.